



## **“A vida que ninguém vê”: As crônicas de Eliane Brum refletidas sob a ótica da Sociologia das Ausências<sup>1</sup>**

Roberta SCHEIBE<sup>2</sup>

Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

### **RESUMO**

Este artigo destaca o livro “A vida que ninguém vê” da jornalista Eliane Brum refletidos à luz da Sociologia das ausências proposta por Boaventura de Souza Santos. Em seus textos a jornalista mostra fatos e questões consideradas por Santos como invisíveis. Além da análise jornalística-sociológica também será verificado o tipo de crônica predominante nos textos que compõem a obra de Brum. A análise da crônica como gênero será fundamentada nas classificações de *crônica* propostas por Antonio Candido, Luiz Beltrão e Afrânio Coutinho.

Racionalidade e emancipação

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica; Eliane Brum; Sociologia das Ausências; Boaventura de Souza Santos.

O universo vive tempos que se entrelaçam, se cruzam em vozes plurais e transdiscursivas como a tessitura de uma renda. Inserida neste processo está as Ciências Humanas, em especial o ofício de jornalista, cujo papel é conferir sentido e significado aos modos de se entender o mundo.

Neste mundo de constantes e grandiosas transformações em que o principal marco histórico para esta metamorfose foi a revolução científica-tecnológica (CARVALHO, 2012) – Zigmunt Bauman cunhou a expressão “Modernidade Líquida”, para designar épocas de desenraizamento -, a ciência tem uma função fundamental. Nomeadamente a Comunicação Social e as Ciências Sociais, que carecem apreender e mergulhar nesta órbita cada vez mais expressiva, informativa, significativa e, em muitas circunstâncias, menos reflexiva; que através da tecnologia e das mídias sociais edificou novas conformações de tempo e espaço. Tudo é real, mas o factual não é mais apenas físico.

É necessário, de acordo com Carvalho, um “esforço de REFLEXÃO, mobilizando razão/imaginação/sensibilidade...” (p.03, 2012) para dar conta destes processos da modernidade – seja ela líquida ou não. Esta ponderação deve incidir na afinidade com o outro, nas diferentes realidades que cercam as relações sociais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 06 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre em Letras – Estudos Literários e doutoranda em Sociologia pelo DINTER Universidade Federal do Ceará (UFC)/ Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). É professora da UNIFAP. E-mail: [robertascheibe@gmail.com](mailto:robertascheibe@gmail.com).



É nesta circunstância que na atualidade para se fazer pesquisa científica e paralelamente exercer os ofícios (*modus operandi*) de Sociólogo/Antropólogo e Jornalista, por exemplo, é imprescindível romper com regras e prontuários de se executar uma pesquisa e rumar para uma contação de histórias, onde os trânsitos epistemológicos e teóricos são infinitos. É por isso que Boaventura de Sousa Santos reflete sobre um outro modelo de racionalidade para pensar as relações humanas. Desde os anos 80, onde ele afirma

que o modelo de racionalidade então dominante mostrava sinais evidentes de exaustão, configurando uma crise paradigmática. No contexto deste debate epistemológico, delineia um paradigma emergente, designando-o de «ciência pós-moderna». Trata-se de um paradigma a encarnar uma outra racionalidade, uma racionalidade mais ampla, assente na superação da dicotomia natureza/sociedade, na complexidade da relação sujeito/objeto, na concepção construtivista de verdade, na aproximação das ciências naturais às ciências sociais e destas aos estudos humanísticos, em uma nova relação entre ciência e ética, em uma nova articulação entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento. Nesta perspectiva, sustenta ser este «o paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente», constituindo, assim, um paradigma científico – o paradigma de um conhecimento prudente – e um paradigma social – o paradigma de uma vida decente. No início dos anos 90, para contrapor a sua concepção de pós-modernidade ao pós-modernismo dominante que circulava tanto na Europa como nos EUA, Boaventura Santos passa a denominá-la de «pós-modernismo de oposição», concebendo a superação da modernidade ocidental a partir de uma perspectiva pós-colonial e pós-imperial, pautada na exigência de reinventar a emancipação social. Em meados da década de 90, Boaventura Santos tinha clareza que essa construção de uma outra racionalidade só podia ser completada a partir das experiências das vítimas, dos grupos sociais que tinham sofrido com o exclusivismo epistemológico da ciência moderna e com a redução das possibilidades emancipatórias da modernidade ocidental. O seu apelo é «aprender com o Sul», entendendo o Sul como uma metáfora do sofrimento humano, causado pelo capitalismo e pela colonialidade do poder. Assim, insatisfeito com a designação pós-moderno e consciente da impossibilidade de afirmar a denominação de «pós-moderno de oposição », Boaventura Santos, nos anos 2000, passa a propugnar uma «Epistemologia do Sul», a consubstanciar um padrão de racionalidade ampla e ampliada, capaz de apreender a riqueza infinita da experiência social em todo o mundo. Na formulação de Boaventura Santos «uma epistemologia do Sul assente-se em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com Sul» (SANTOS, in: CARVALHO, 2012, p.129).

A emancipação precisa estar consolidada para que exista o verdadeiro ofício de pesquisador e de um observador, no caso de um jornalista ou sociólogo/antropólogo. O autor Boaventura de Sousa Santos ratifica que a emancipação é um “processo de racionalidade crescente da sociedade que também tem três dimensões: a racionalidade cognitiva instrumental da ciência, a racionalidade da prática moral do direito e a racionalidade estética expressiva da arte e da literatura” (SANTOS, 2007, p.01). O pensador português argumenta a necessidade de reinventar a emancipação social, haja vista que atualmente o conhecimento de regulação consumiu o conhecimento da emancipação. Boaventura de Sousa Santos justifica que para efetuar tal propósito é salutar um outro tipo de racionalidade baseada em princípios epistemológicos.



A racionalização que presenciamos hoje é chamada por Santos de “razão indolente”, porque dissipa a experiência, e isto gera o que o sociólogo nomeia de “ausências”, que são os temas invisíveis, são os conhecimentos, as ideias e as práticas que as pessoas não enxergam, em razão de seus pré-conceitos. De acordo com Santos as ausências se estendem diante das cinco monoculturas do mundo definidas por ele, que são: a cultura do saber e do rigor; as classificações sociais, a má cultura do tempo linear, a escala dominante do modelo de racionalidade ocidental fixado pela ideia de universal e local, e a produtividade capitalista (SANTOS, 2007). Tem que ser salientado que Boaventura de Sousa Santos realiza as suas reflexões acerca da sociologia das ausências citando como exemplo o processo de colonização que muitos países sofreram. Com fins de contrariar a “razão indolente”, Santos traz à tona a “Razão Cosmopolita”, que ampara três procedimentos meta-sociológicos: Sociologia das ausências (tornar o invisível um processo visível), sociologia das emergências (consciência emancipatória, capaz de criar tendências), e o trabalho de tradução (processo político capaz de criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis, sem destruir sua identidade, incidindo tanto sobre saberes como práticas sociais e seus agentes). A Razão cosmopolita é uma nova forma de ver e compreender o mundo, com novas concepções de tempo e espaço; resultando na expansão do presente (através da sociologia das ausências) e na contração do futuro (através da sociologia das emergências) (SANTOS, 2006, p. 94).

Muitas pessoas, segundo Santos no texto “Os desafios das ciências sociais hoje”, publicado no Encarte Clacso – Cadernos da América Latina X em 2007, não percebem que a sociologia das ausências existe. Segundo ele não há justiça global sem a justiça cognitiva e o reconhecimento. É exatamente por isso que o sociólogo propõe “passar do pensamento abismal ao pensamento pausalizado” (SANTOS, 2007, p.02). Esta transição acontece apenas quando se trabalha a ecologia dos saberes, onde o presente autor sustenta “a coexistência de diferentes conhecimentos; é a ideia de que conhecimentos heterogêneos podem coexistir. O saber ecológico é o oposto à monocultura” (SANTOS, 2007, p.02).

O saber ecológico está umbilicalmente voltado à questão da “razão cosmopolita”, ratificada na oposição à “razão indolente”. Estes saberes e a razão cosmopolita defendem a horizontalização dos saberes, como por exemplo saber popular, saber teórico e saber erudito. A ecologia dos saberes transmuta o invisível, ou seja, temas aparentemente irrelevantes e esquecidos ou não-percebidos por muitas pessoas em questões sociológicas. Desta maneira, a ciência tem que ser compreendida e articulada visando o incentivo e a educação para a razão crítica, alicerçada à imaginação e a sensibilidade, em resposta às intimações da realidade, nas suas infinitas conexões de tempo e espaço.



A categoria “experiência” é o eixo analítico de Boaventura de Sousa Santos, que investiga a amplitude e a diversidade delas (SANTOS, 2006). Na tessitura da crítica à razão indolente, é denunciado pelo autor o imenso desperdício das experiências sociais – as realidades invisíveis – pela incapacidade e limites da racionalidade moderna ocidental. O mundo ocidental, para Santos, é indolente quanto às relações sociais, no sentido da experiência, do pensar, de estar preso à velhas práticas.

Portanto, sociologia das ausências, inserida na razão cosmopolita é dar credibilidade e uma outra ótica para as invisibilidades e as mais variadas formas de ausências, na esperança – e ao mesmo tempo na exigência – de uma outra racionalidade, que resulta na transgressão, substituindo as monoculturas por cinco ecologias, que são: A Ecologia dos Saberes, onde não há uma única certeza e os saberes das mais distintas áreas devem ser articulados; a Ecologia das Temporalidades, em que nenhum tempo é estanque e há a resignificação de tempos e memórias; a Ecologia dos Reconhecimentos, em que se contrapõe à monocultura das classificações; a Ecologia das trans-escalas, que não prende ao local/global e promove uma globalização hegemônica; e a Ecologia das Produtividades, que promove a recuperação e valorização das formas alternativas de produção (SANTOS, 2006). É em razão destas questões que Santos propõe expandir o presente e contrair o futuro, para valorizar a experiência social que é inesgotável.

Boaventura de Sousa Santos enfatiza a questão do ofício da pesquisa – no sentido da observação, investigação - como um estudo das relações como um todo, enxergando, de forma aberta e crítica, as mais variadas formas de experiência. É por meio desta epistemologia que é preciso pensar o diário ofício do “olhar-ouvir o outro”.

### **“História de um olhar”**

O vital para uma profissão que exija grande observação não é só o resultado de um trabalho, mas o processo para se chegar a ele. O mundo é movimento e tem muitas experiências vividas e olhares distintos. É voltando o olhar para esta diversidade de realidades que a jornalista Eliane Brum se debruça.

Eliane Brum é jornalista, cronista e documentarista. É gaúcha de Ijuí, formou-se em Jornalismo em 1988 e desde lá direciona o seu trabalho para reportagens e crônicas. Seus relatos trazem histórias de mais distintas realidades, incluindo as temáticas de seu trabalho no que Boaventura de Sousa Santos chama de “Sociologia das ausências”. Levantando esta bandeira, Brum já venceu mais de quarenta prêmios nacionais e internacionais de jornalismo, escreveu o romance *Uma duas*, e os livros de reportagem *Coluna Prestes – O avesso da lenda*, *A vida que ninguém vê* – livro de Crônica-Reportagem que venceu o prêmio Jabuti em 2007, *O olho da rua*, e agora em 2013



*A menina quebrada*. Ainda é codiretora de dois documentários: *Uma História Severina* e *Gretchen Filme Estrada*. Trabalhou por muitos anos no jornal Zero Hora de Porto Alegre e depois na Revista Época, onde até hoje mantém uma coluna semanal trazendo crônicas-reportagens<sup>3</sup> mostrando o que é considerado invisível pela maioria das pessoas.

Em seus textos Brum rebate a “razão indolente” e produz uma “razão cosmopolita”, porque se aproveita ao máximo das mais variadas versões da realidade e de todas as experiências possíveis. Logo, ela traz à tona as ausências. No livro *A vida que ninguém vê* o invisível para grande parte da sociedade e população de um lugar aparece, toma corpo, e mostra as suas peculiaridades e profundezas.

Eliane Brum procura fatos e histórias que não são notícia nos meios de comunicação, busca o excepcional protagonizado por cada vida anônima e imerge no cotidiano para mostrar que todas as vidas são únicas. Na obra há 21 histórias, entre elas a do senhor que não pode movimentar suas pernas e anda com as mãos, a do homem que comia vidro, a do senhor que enterrou sua mulher e sua filha, a do carregador de malas de aeroporto que nunca tinha voado, a do colecionador de almas sobradas, a de Frida, a senhora que assiste às sessões da câmara de vereadores, entre muitas outras particularidades. Na “orelha” de seu livro, os editores tecem um texto que revela o modo de pensar alusivo às reflexões da Sociologia das Ausências:

É tudo verdade. Da primeira à última linha, todas as palavras foram ditas, todos os sentimentos vividos. *A vida que ninguém vê* é o resultado da busca de uma repórter pela notícia que não estava no jornal. Os textos são reportagens pautadas pelo exercício de um olhar atento aos pequenos acontecimentos, ao que se passa na existência das pessoas desconhecidas. É a trajetória de uma repórter em busca do extraordinário em cada vida – só aparentemente – ordinária. É o avesso do jornalismo padrão (BRUM, 2006, capa).

Cada realidade depende de um ponto de vista, desta forma não existe nenhum olhar neutro, e sim dirigido. O bom observador não separa a produção científica/textual de sua vida, de suas escolhas e experiências (MILLS, 1965). No exercício diário de observar o outro Eliane Brum se familiariza com o estranho e estranha o familiar (VELHO, 1987). Como escreveu Roberto da Mata, transforma o “exótico em familiar e o familiar em exótico” (in VELHO, 1987, p.124); e percebe as transformações culturais a partir das novas – e velhas – conexões de tempo e espaço. Ao longo dos

---

<sup>3</sup> O termo “Crônica-reportagem” é amplamente utilizado no jornalismo atual como uma mescla de características informativas com o estilo do gênero opinativo Crônica. No entanto, esta definição teórica não existe nas classificações utilizadas neste artigo, que são dos autores Afrânio Coutinho, Antonio Candido e Luis Beltrão. Para tanto, o estilo das de seus textos, segundo estes autores, poderia ser classificada como “Crônica Especializada”, na definição de Luiz Beltrão (1980, p.55), como “Crônica Informação”, na proposição de Afrânio Coutinho (1971, p.68), como “Crônica Narrativa” nas classificações de Afrânio Coutinho (1971, p.68) e Antonio Candido (in: MELO, 1994, p.158) e na definição de Dileta Silveira Martins, como “Crônica Sociológica” (FERREIRA, 1990, p.25).



textos do livro em discussão, a autora capta as formas de convivência e os preâmbulos da sociabilidade. Há diversas linguagens e pontos de vista para se mostrar as versões da realidade, e este é o espírito do livro.

Brum afirma que para domesticar o olhar, é necessário, também, insubordinar o olhar:

Sempre gostei de histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro – embora ache que esta seria uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo co que o milagre do que cada vida é se torne banal. Esse é o encanto de *A vida que ninguém vê*: contar os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício de escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma *Odisséia*. (BRUM, 2006, p.187)

Para a autora, a singularidade de cada ser humano, ironicamente, só pode ser reconhecida no universal. Tudo, para ela, resulta no modo de olhar. Roberto Cardoso de Oliveira (2006), no texto “Olhar, ouvir, escrever”, reflete sobre a importância e os cuidados do olhar e do ouvir para depois escrever. Hoje a junção dos sentidos de ver, ouvir, sentir o outro – ou reconhecer o outro, como salientou Santos (2007) – é intuir os tempos que se cruzam, abranger os novos espaços e as distintas versões da realidade. Para Oliveira, olhar e ouvir é o direcionamento da percepção e da observação. E, quando chegar o ato de escrever, dar conta da sensibilidade apurada (no sentido de apuração dos fatos e percepções) através da descrição, da narração e uso do diálogos – técnicas de construção de textos oriundos da literatura e amplamente empregadas na linguagem jornalística, especialmente nas grandes reportagens. É neste sentido que Santos (2007) se refere à experiência emancipatória. É o que faz a jornalista ao longo dos 21 textos – originalmente escritos no jornal Zero Hora, e depois publicados no livro *A vida que ninguém vê*. Um exemplo desta sensibilidade – e dos recursos técnicos utilizados – são mostrados no texto “Enterro de pobre”:

Não há nada mais triste do que enterro de pobre. Porque o pobre começa a ser enterrado em vida. Quem diz é Antonio, um homem esculpido pelo barro de uma humildade mais antiga do que ele. Um homem que tem vergonha até de falar e, quando fala, teme falar alto demais. E quando levanta os olhos, tem medo de ofender o rosto do patrão apenas pela ousadia de erguê-los. Quem diz é Antonio Antunes. Ele acabara de sepultar o caixão do filho cujo rosto desconhece. O bebê de 960 gramas que morreu ainda no ventre da mãe. Antonio quis espiar a face do filho por um momento, mas a funcionária que foi buscar a criança na geladeira não deixou. Antonio tinha comprado uma roupinha de sete reais no centro de Porto Alegre para o filho não fosse sepultado nu como um rebento de bicho. Mas não pôde vesti-lo. Restou a Antonio o caixãozinho branco que ninou nos braços até a cova número 2026 do Campo Santo do Cemitério da Santa Casa.  
(...) Antonio Antunes disse:



- E esse é o caminho do pobre.

E disse com tal dor, com tal desesperança, que a frase açoitou o cemitério da pobreza. Porque uma frase só existe quando é a extensão em letras da alma de quem a diz. (BRUM, 2006, p. 36)

Com isso, a cronista manifesta o seu “faro” de observadora e confere à crônica o que Jorge Sá (SÁ, 1985, p. 13) chama de “lirismo reflexivo”, ou seja, o lirismo que alia emoção à razão. Este texto pode ser considerado uma “crônica especializada *sentimental*”, de acordo com a proposta de Luiz Beltrão (1980, p.55), ou uma “crônica exposição poética”, segundo definição de Antonio Candido (in: MELO, 1994, p.158). Isto porque expõe os fatos sob um olhar lírico, capaz de emocionar os leitores.

Oliveira argumenta sobre a conversão do olhar de um observador ou, como ele escreve, uma “domesticação” (p.09) teórica do olhar e do ouvir, ou seja, observar a realidade de acordo com a individualidade de cada pessoa mas, paralelamente, captar os acontecimentos ao redor conseguindo se colocar no lugar do outro; porque realidades são pontos de vista e versões. No ato de gravar as observações no papel, Eliane Brum – como no trecho citado acima - trabalha a descrição densa e a busca de sentido no outro (GEERTZ, 1989). Ela insere a pluralidade de vozes na sua investigação jornalística/etnográfica.

Nos textos em destaque, a realidade é o fio condutor da história. As temáticas do cotidiano estão inseridas numa abordagem de natureza psicológica. Nesse livro há o permanente envolvimento do “eu” do autor com o assunto em pauta, o que confere aos textos um tom dramático e/ou confessional, como o “tom confessional” perceptível no texto “O Sapo”:

O mais incrível é que o Sapo estava ali havia 30 anos. E há mais de uma década nos cruzávamos na Rua da Praia. Minha cabeça no alto, a dele no rés-do-chão. Eu mirando seu rosto. Ele, os meus pés. Só dias atrás tive a coragem de me agachar e nivelar nossos olhares. Subvertendo as regras do jogo de que ambos participávamos. Não nos reconhecemos.

Descobri que o nome dele é Alverindo. Ele soube que me chamo Eliane. Contou-me que os amigos o conhecem por “seu Vico”, e o povo da rua por Sapo. Por causa da eterna posição, lambendo com a barriga as pedras da rua.

Contei-lhe que sou jornalista e escreveria sobre ele. E então apertamos as mãos.

Eis o que conversamos:

- Como o senhor está?

- Com saúde e bastante preguiça. Preguiça, pra dizer bem a verdade, até por dentro dos olhos.

- Como é a rua da praia aí de baixo?

- Olha, é só perna. Um mar de pernas. Mas eu não vejo só perna, não. Vejo de tudo um pouco. Vejo coisa que nem devia... (BRUM, 2006, p. 60)

Chama atenção o fato de que essa crônica é factual e, simultaneamente, subjetiva. Além disso, nela a autora estabelece um diálogo com o outro e, ao mesmo tempo, consigo mesma. A



crônica toma como assunto uma situação invisível para a maioria das pessoas, que, no entanto, detém um “aspecto universal”, ou seja, retrata a singularidade de uma vida. O texto dá ênfase a uma temática social, vinculada a fatos do dia-a-dia, que podem acontecer com muitas pessoas.

Por fim, é necessário enfatizar que em muitos textos Eliane Brum revela a emoção das pessoas e a sua própria. Em alguns textos (como no do Sapo, por exemplo), a cronista coloca-se como testemunha da história, ouvindo, opinando e tirando suas conclusões.

Através da Sociologia das Ausências, Brum, em seus textos, produz um jornalismo aprofundado, investigativo; traz investigações e histórias que visam mostrar o que existe de forma social e histórica, mas que é tratado – e produzido – como não existente. A repórter traz à tona o que foi socialmente descartável por um grupo social ou uma forma de pensar. Assim, Brum transforma pessoas e situações ausentes em presentes. Ou, como ela mesma diz, inverter essa lógica que afasta as pessoas “para mostrar que o Zé é Ulisses – E Ulisses é Zé. Somos todos mais iguais do que gostaríamos. E, ao mesmo tempo, cada um é único, um padrão que não se repete no universo, especialíssimo. Nossa singularidade só pode ser reconhecida no universal. Tudo é um jeito de olhar” (BRUM, 2006, 195). Desta forma, pode-se afirmar que *A vida que ninguém vê* traz em seu âmago a Sociologia das Ausências, porque mostra o existente-latente e, ao mesmo tempo, amplia o mundo e dilata os acontecimentos presentes.

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. “O exercício do ofício da pesquisa e o desafio da construção metodológica. In: BAPTISTA, Maria Manuel (Org). **Cultura: metodologias e investigação**. Lisboa: Ver o Verso Edições Ltda (E-book), 2012, p.127 a p.148.

\_\_\_\_\_. **Ciência no mundo contemporâneo: o desafio do ofício da pesquisa**. Colóquio de Iniciação Científica da Faculdade Estácio – SEAMA, Macapá-AP, 2012.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1971.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MARTINS, Dileta Silveira. **História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado em Letras pela PUCRS. Porto Alegre, 1984.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

MILLS, Whigt. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.





SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez Editora, 4<sup>a</sup> ed., 2006.

\_\_\_\_\_. *Os desafios das ciências sociais hoje*. In: **Pensar el Estado y la sociedad: desafios actuales**. CLACSO. La Paz-Bolívia: Muela del Diablo Ediores y Comuna: 2007.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: Notas para uma Antropologia da Sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.